

Cultura de construção, experiências reveladoras e um olhar carinhoso. Entrevista a Turit Fröbe

Building culture, eye-opening experiences and a loving gaze. Interview with Turit Fröbe

Marta Setúbalⁱ, Turit Fröbeⁱⁱ

Turit Fröbe é uma historiadora de arquitetura e urbanista alemã. Estudou História da Arte, é mestre em Urbanismo Europeu pela Bauhaus-Universität Weimar, com o trabalho *Stadt + Spiel. Spiele und spielerische Verfahren in der Planungskultur*¹ (2006), e doutorada pela Universidade de Hamburgo (2015). Na Universität der Künste Berlin, foi, desde 2005, assistente convidada, professora convidada e assistente de investigação nas áreas de Artes, Arquitetura e mediação espacial e arquitetónica. Co-editora e co-autora de *SpielRaumStadt. Baukulturvermittlung für Kinder*² (Fröbe et al., 2026), autora de *Alles nur Fassade? Das Bestimmungsbuch für moderne Architektur*³ (Fröbe, 2018), *Die Kunst der Bausünde*⁴ (Fröbe, 2020) e *Architectural Policy in Finland. Architecture as civic education*⁵ (Fröbe, 2022). Fundou em 2014 o atelier *Die StadtDenkerei*, onde é investigadora e mediadora de *Baukultur*⁶. Fundou em 2026 a academia online para o ensino de cultura de construção BBO *Baukulturelle Bildung.online GmbH*⁷.

Marta Setúbal é arquiteta (FAUL, 2009) e assistente de investigação no DINÂMIA'CET-Iscte. Trabalhou como arquiteta no atelier Gorenflos Architekten GvAmbH, em Berlim (2010-2019). A sua dissertação de mestrado *Arquivo da Vila - um arquivo como dispositivo para o vínculo a um lugar* (2020), pela Kunsthochschule Berlin Weißensee, versou sobre o projeto *Arquivo da Vila*, levado a cabo em Vila Real de Santo António (2018-2019), com o qual ganhou a bolsa de execução TIBES, da Bund Deutsche ArchitektInnen Berlin, e a bolsa STIBET, da DAAD. Está atualmente a desenvolver a sua tese de doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos (Iscte), com bolsa FCT (2023-2027), sobre a forma como o conhecimento espacial pode contribuir para o envolvimento cívico.

¹ Cidade + Jogo. Jogos e processos lúdicos na cultura de planeamento (tradução livre da autora).

² JogoEspaçoCidade. Educação para a cultura de construção para crianças (tradução livre da autora).

³ Tudo só fachada? O livro de classificação da Arquitetura moderna (tradução livre da autora).

⁴ A Arte do Pecado de Construção (tradução livre da autora).

⁵ Políticas da Arquitetura na Finlândia: Arquitetura como educação cívica (tradução livre da autora).

⁶ *Baukultur*, literalmente *cultura de construção*, é um termo alemão que se refere a todos os processos que envolvem a construção espacial, incluindo os discursos, os processos, a construção em si e o uso dos espaços. O conceito é explicado com maior detalhe ao longo da entrevista. Opta-se por usar, no restante texto, a versão portuguesa, de tradução livre da autora, excepto quando se fala diretamente sobre o termo alemão.

⁷ <https://www.baukulturelle-bildung.online>

ⁱDINÂMIA'CET-Iscte, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal, [marta_setubal\[at\]iscte-iul.pt](mailto:marta_setubal[at]iscte-iul.pt)

ⁱⁱInvestigadora independente, Alemanha, [froebe\[at\]die-stadtDenkerei.de](mailto:froebe[at]die-stadtDenkerei.de)

Introdução

De que forma pode o conhecimento espacial ter impacto na vida quotidiana das pessoas? Em que medida a presença física num espaço constitui uma dimensão essencial para a sua compreensão? Como se transmite e se cria cultura de construção? O que mudaria na prática arquitetónica se os cidadãos tivessem mais cultura espacial? E que efeitos teria esta mudança na produção do espaço?

Foi em torno destas questões que se desenrolou a conversa com Turit Fröbe, que tem aprofundado trabalho sobre o papel da educação para o conhecimento espacial, nas suas diversas dimensões. Desenvolveu um estudo com propostas de políticas públicas para a educação de *cultura de construção* na Alemanha, que se apoiou num estudo profundo dos casos da Suíça e da Finlândia, países onde estas políticas existem desde 2018 e 1998, respetivamente, tendo publicado também o livro *Architectural Policy in Finland. Architecture as civic education*. Com uma vasta experiência na mediação de conhecimento espacial e arquitetónico junto de públicos de todas as idades, Turit Fröbe recorre a atividades lúdicas, em espaço público, que ela própria tem vindo a desenvolver e a aperfeiçoar. É neste âmbito que co-editou, com Kirsten Winderlich, a brochura e conjunto de cartas *SpielRaumStadt. Baukulturvermittlung für Kinder*, que inclui uma série de sugestões de ações no espaço público para crianças. É autora de outras obras de educação para a Arquitetura, como *Alles nur Fassade?*, que procura ensinar o público leigo, através de exemplos simples e práticos, a identificar a época dos edifícios que o rodeiam. Para além deste trabalho, Turit Fröbe desenvolve desde 2001, um projeto sobre *pecados arquitetónicos*, que consiste num levantamento de edifícios e outros elementos construtivos “mal-amados” (tanto por arquitetos como por cidadãos), propondo um outro olhar sobre eles, de reconhecimento da sua importância para a construção de uma *cultura de construção*.

Nesta entrevista, da qual publicamos um excerto⁸, começamos por definir *cultura de construção* e a relevância da sua aprendizagem, prosseguimos falando do papel que *experiências reveladoras* podem ter no desenvolvimento dessa cultura e na transformação do quotidiano, e terminamos com as motivações pessoais de Turit Fröbe e com o caminho que a trouxe até aqui. Pelo meio, abordamos os seus processos criativos, recorrendo a exemplos concretos, o poder de cultivar um *olhar carinhoso* sobre as coisas quando se faz mediação e, ainda, o potencial dos *pecados arquitetónicos*.

O objetivo é dar a conhecer o trabalho de Turit Fröbe a um público de língua portuguesa, na expectativa de que esta partilha contribua para um pensamento crítico sobre (a) prática(s) arquitetónica(s) e estimule o desejo de construir coletivamente conhecimento espacial.

[Falemos de] arquitetura como educação cívica⁹. Até que ponto considera que a arquitetura pode promover o envolvimento cívico?

Penso que, teoricamente, a arquitetura é bastante poderosa quando molda e cria espaços sociais apropriados. (...) A maioria das pessoas tem uma ideia muito restrita de Arquitetura, que significa tudo o que é criado por arquitetos. Mas o que vemos no ambiente construído é muito mais vasto. [Prefiro] falar de Baukultur [*cultura de construção*] e, com isso, refiro-me a tudo o que encontramos no ambiente construído, desde a grande peça de arquitetura ao *pecado arquitetónico*¹⁰. Quer queiramos quer não, tudo é *cultura de construção* e eu parto do princípio de que a *cultura de construção* tem uma influência muito grande no nosso bem-estar. Determina fortemente a forma

8 Esta entrevista é composta por excertos de uma entrevista mais longa, semi-estruturada, que teve lugar num café, em Berlim, Alemanha, a 12 de Fevereiro de 2025, e foi feita no âmbito da investigação de doutoramento *in situ and moving: collective space embodiment for spatial imagination, action and care*, em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, no Iscte. A entrevista foi realizada em alemão e posteriormente traduzida para português. Optou-se por utilizar no texto os termos correspondentes a conceitos específicos utilizados pela entrevistada na sua versão portuguesa (tradução livre da autora), complementando e contextualizando o significado original alemão em rodapé. Quando se trata de nomes próprios, optou-se por deixá-los no texto principal no original alemão.

9 Referência a Fröbe (2022).

10 *Bausünde*, (tradução livre da autora) *pecado arquitetónico*, é um termo teorizado e disseminado por Turit Fröbe, referindo-se àquilo que, por algum motivo, não é apreciado por parte da comunidade, quer seja pela comunidade arquitetónica, quer por outros grupos de cidadãos - ou pela população, em geral. São objetos/construções mal-amados.

como nos sentimos enquanto pessoas, se nos sentimos bem, se somos saudáveis. E também acredito que uma boa *cultura de construção*, capaz de criar espaços sociais, pode encorajar as pessoas a interagir umas com as outras e a dialogar. (...)

Na sua opinião, como é que a *cultura de construção* ou o conhecimento sobre esta cultura, podem ter impacto na vida quotidiana?

A *cultura de construção* tem, sem dúvida, uma influência, porque nós estamos na arquitetura – ou no ambiente construído – 24 horas por dia. (...) E só isto já é razão suficiente para que, enquanto sociedade, nos debruçemos sobre este tema de forma extremamente intensa. Mas ainda não vejo isso a acontecer. A *cultura de construção* é um ângulo morto na consciência da nossa sociedade – pelo menos aqui na Alemanha. Há outros países onde funciona melhor. (...) Na verdade, o termo *Baukultur* é completamente desconhecido. (...) Por isso, fiz um estudo sobre a situação do ensino da *Baukultur* no sistema escolar alemão... Entrevistei professores, mas também docentes de universidades que formam professores, e apercebi-me de que quase ninguém sabia o que se entendia por *Baukultur*. O termo é utilizado como sinónimo de Arquitetura. (...) Muito poucas pessoas se apercebem de que a *cultura de construção* as influencia diretamente. (...) Acho isso tão fatal, porque é tão fundamental, porque é tão próximo. E... sim, temos de aumentar a consciência de que a *cultura de construção* é importante e está em todo o lado. E que não se trata apenas de arquitetura ou de monumentos ou de arquitetura de referência, mas que a casa em frente também é arquitetura (...); faz parte da *cultura de construção* quando desenhamos o nosso próprio jardim, o jardim da frente, ou pavimentamos a nossa entrada, ou desenhamos a nossa varanda; e que temos de facto uma certa influência na *cultura de construção*; que também a podemos construir.

Tem muito a ver com o físico - com o material?

Ambos. A *cultura de construção* é, obviamente, ambos: o físico, mas também os processos que levam à produção de arquitetura. Ambos fazem parte da *cultura de construção*. É um termo ambíguo.

Não é fácil transmitir isso...

Não, porque muito poucas pessoas se apercebem de que têm efetivamente uma palavra a dizer. Na Alemanha, o direito de participar nos [processos de] edifícios públicos existe desde os anos setenta. Quase ninguém sabe disso. E estes procedimentos são muitas vezes feitos sem amor e muito standardizados. E há sempre um fosso na participação, ou seja, décadas mais tarde, o que foi planeado e participado é então realizado, mas os que estavam envolvidos mudaram-se ou morreram. É um problema real. (...)

Se compararmos com a Finlândia ou a Suíça, onde estes processos estão possivelmente um pouco mais avançados, a Alemanha fica atrás. Mas existem outros países na Europa onde estes processos são tão desenvolvidos como nos três casos mencionados (Alemanha, Suíça e Finlândia)?

Penso que a Dinamarca é muito forte, também. Têm uma qualidade completamente diferente. Gostaria muito de fazer um estudo sobre estas diferenças, utilizando estes exemplos em particular: Gostaria de olhar para os Países Baixos, Finlândia, Dinamarca, como exemplos positivos – e, por exemplo, para o Luxemburgo, a Bélgica, a Alemanha, por outro lado, como grandes produtores de *pecados arquitetónicos*. A primeira coisa que eu faria era ir às lojas de bricolage e construção e ver o que têm para oferecer. Eu coleciono *pecados arquitetónicos*, como sabe, sou uma especialista em *pecados arquitetónicos*. Há 24 anos que os coleciono [risos]! – e apercebi-me de que as lojas de bricolage e os centros de jardinagem estão muito implicados na produção destes *pecados*, especialmente na produção privada de *pecados arquitetónicos* na Alemanha. Temos as modas mais estranhas: atualmente, é possível encontrar por todo o lado relva artificial, faixas com impressão fotográfica para decorar cercas – e coisas realmente terríveis, que atestam a falta de educação para a *cultura de construção*, na sociedade. (...) Nos últimos anos, fizemos férias na Dinamarca. (...) Tudo estava intacto em Bornholm: toda a gente ainda tinha as suas janelas de madeira, não havia jardins de brita, havia flores – flores! – nos jardins e... sim, presumo que [na Dinamarca] não haja, nas lojas de bricolage, faixas com impressão fotográfica para colocar em vedações, nem relva artificial. Não sei se é proibido, ou se os fornecedores nem sequer pensariam em oferecer algo assim. Se perguntarmos aos responsáveis aqui, eles dizem sempre “É isso que as pessoas querem”, mas as pessoas também confiam no facto de que o que compram é bom. Por isso, gostaria muito de fazer um projeto de investigação sobre isto. (...)

Voltando ao termo *Baukultur*, este é utilizado na Alemanha. Noutros países, utiliza-se o termo Arquitetura, como em “política arquitetónica” ou “cultura arquitetónica”. Pode falar um pouco mais sobre a razão pela qual prefere utilizar *Baukultur*?

Gostaria de expandir este conceito de Arquitetura, inclusivamente nas escolas. Quero realmente desenvolver uma consciência de que não se trata apenas de arquitetura de referência e monumentos, mas de tudo. (...) Também em conversas com arquitetos, reparo repetidamente que continuam a dizer “Não, a arquitetura não precisa de ser descrita, a arquitetura explica-se a si mesma” e... esta linguagem... precisamos de capacidades para comunicar. Muitos arquitetos têm também a sensação de... ou da construção civil – estou sempre a conversar com pessoas da construção civil que me dizem “Bem, o que está a falar não é de Arquitetura, é de edifícios residenciais”; fazem uma distinção. Portanto, esta distinção entre Arquitetura e não-Arquitetura tem de acabar. Porque nós, cidadãos normais, que simplesmente usamos a cidade, não fazemos distinção entre Arquitetura e não-Arquitetura. É tudo espaço construído, por isso temos de ter uma visão mais alargada. (...) Precisamos de *experiências reveladoras*¹¹, que contribuam para que as pessoas construam uma relação com a Arquitetura do quotidiano; com o que as rodeia diariamente. Isto é importante, porque as pessoas não olham para aquilo que as rodeia no dia-a-dia. Por isso mesmo, trabalho conseqüentemente no ambiente quotidiano das pessoas, porque é aqui que as *experiências reveladoras* são mais fortes. Quando as pessoas vão dar um passeio pela cidade e se apercebem de que há 10, 20, 30, 40, 50 anos andam a passar por coisas que nunca tinham reparado antes, o choque é tão grande – e liberta uma tal euforia... E eu trabalho com eles nesta onda de euforia. (...) Não há melhor lugar para começar a educação para a *cultura de construção* do que no ambiente quotidiano.

Pode falar um pouco mais sobre estas experiências reveladoras – estes momentos – e como se conseguem?

Com a *StadtDenkerei*¹², vamos, como uma equipa grande, durante uma semana, para uma cidade que não conhecemos – afirmo que podemos valorizar uma cidade inteira de até 250.000 habitantes, simplesmente através da mudança de perceção dos seus cidadãos. Portanto, não estamos a mudar uma pedra; não estamos a mudar nada, mas, quando vamos embora, ao fim de uma semana, a cidade é uma cidade diferente, porque mudámos essa perceção. O único truque que usamos é: não mostramos às pessoas o que elas não vêem, mas deixamo-las descobrir por elas próprias o que normalmente não vêem. (...) Depois, no momento em que descobrem que nunca tinham visto certas coisas... há a tal euforia e, logo, uma abertura. Nós aproveitamos este momento e, depois de acontecer, eles vão para casa e contam aos companheiros – e é assim que se espalha. Só estamos na cidade durante uma semana, mas isso faz com que sejamos o *assunto* dessa semana na cidade, porque criamos uma série de pequenos impulsos. Fazemo-lo com passeios pela cidade com objetivos muito específicos, mas também com processos mais pequenos; (...) Por exemplo, [primeiro] anuncio um passeio pela cidade aos *pecados arquitectónicos* mais bonitos; (...) Há sempre 40 ou 50 pessoas que se juntam. E a primeira surpresa é que eu não lhes mostro nada, mas deixo-as mostrar-me o que acham horrível. Descobri que, se lhes dermos espaço para se zangarem com as coisas, as pessoas zangam-se e ficam terrivelmente perturbadas. Apercebemo-nos de como sofrem com a arquitetura. As vezes tremem mesmo, quase choram, com uma lágrima no olho ou a voz a falhar. A situação torna-se extrema – e eu oiço tudo. (...) Devo dizer, aparte, que na *StadtDenkerei*, trabalhamos com um *olhar carinhoso*: quando chegamos a uma cidade, todos os meus *StadtDenker*¹³ comprometem-se a não criticar nada e, em vez disso, a procurar algo positivo em tudo o que se passa em frente aos nossos olhos. Ou seja, comprometem-se a praticar um *olhar carinhoso*. Quem critica vai para casa. (...) Continuando, depois, começo a desviá-las desse pensamento negativo com pequenas coisas. Quando precisam de respirar, pergunto-lhes, por exemplo: “Sabe como é o edifício visto de trás?”. E depois dizem “Não”, claro que não sabem. Portanto, tenta-se desconcertar um pouco... Depois, continuam a barafustar e eu deixo-as continuar a barafustar. Peço-lhes, então, para

¹¹ O termo usado em alemão *Aha-Erlebnisse* significa, literalmente, „experiências aha!” e é um termo cunhado pela entrevistada. Refere-se a experiências que trazem consigo uma mudança repentina de consciência, causando surpresa. São *experiências reveladoras* de uma ligação mental não existente até ao momento imediatamente anterior.

¹² *Die StadtDenkerei* é o nome do atelier de mediação de cultura de construção, fundado em 2014 por Turit Fröbe. Cf. <http://www.die-stadtDenkerei.de>

¹³ *StadtDenker* são as pessoas que colaboram com Turit Fröbe, como peritos, no âmbito do trabalho da *Die StadtDenkerei*, quando se deslocam a uma cidade, com o objetivo de aplicar as técnicas de mediação mencionadas ao longo desta entrevista.

olharem à volta e verem se o edifício está sozinho ou se há edifícios “amigos”, ou se aquele edifício é “o chefe” [da zona], coisas deste género, um pouco de personificação, pequenos truques e, assim, deixam os olhos vaguear um pouco e param de se queixar. E depois, quando já estão noutra nível de observação, sugiro que finjam que acham o edifício bonito. Portanto, numa situação destas, recorro à brincadeira, porque as pessoas sabem que não estão a arriscar nada quando brincam. (...) Depois da brincadeira fica tudo como dantes. (...) Mas eu sei que observar muda tudo. O achar feio é apenas porque ainda não olhámos e, no momento em que olhamos para as coisas – que realmente olhamos para elas e nos envolvemos com elas –, elas perdem a sua fealdade e o seu horror. (...) Ao fim de uma hora e meia, a brincadeira acaba e as pessoas podem voltar a achar as coisas feias – mas já não as veem como antes. Normalmente, reconciliam-se e, por vezes, até ficam muito orgulhosas dos seus *pecados arquitetónicos*.

Esta é uma estratégia que funciona sempre. Só com a observação. Por isso sei que olhar ajuda. É algo que eu própria aprendi através do meu trabalho de levantamento de *pecados arquitetónicos*. (...) quando comecei a colecionar *pecados*, há 24 anos – odiava-os completamente –, comecei com uma raiva tão grande; queria vingar-me da profissão de arquiteto. Depois, comecei a fazer *safaris de pecados arquitetónicos*¹⁴, e a minha perceção mudou completamente. Em primeiro lugar, aprendi tanto sobre os *pecados arquitetónicos* que os comecei a achar interessantes. Mas a minha perceção também mudou. Apercebi-me de que, quando encontrava um *pecado arquitetónico* feio, ficava feliz. Quanto mais feia era a arquitetura, melhor era a minha disposição. E, quando estava em frente a estas coisas e olhava para elas, olhava-as da forma como costumava olhar para a Arquitetura enquanto historiadora de Arquitetura. E, ao olhar para elas desta forma, de repente, perdiam o seu horror. De repente, falavam comigo. De repente, percebia porque é que os arquitetos tinham tomado esta ou aquela decisão. De repente, estes “patinhos feios” das nossas cidades ganhavam vida. Através deste *olhar carinhoso*, desenvolviam a sua própria beleza e encanto. É esta a minha experiência, que é a base de tudo o que faço, tanto na *StadtDenkerei*, como nos projectos que desenvolvo com crianças e na mediação de *cultura de construção*. É isto que tento transmitir, que cada indivíduo tem a possibilidade de melhorar o espaço em que vive, apenas prestando atenção ao que o rodeia.

A meu ver, a educação para a *cultura de construção* tem, portanto, uma componente individual e uma componente social. (...) Cada indivíduo pode melhorar o seu próprio ambiente se começar a olhar para ele. (...) Um dos nossos melhores projetos, para dar um exemplo, foi numa *semana de projetos*¹⁵, numa escola. Passámos cinco dias no bairro *Märkisches Viertel*, aqui em Berlim, com crianças do 4º ao 6º ano - crianças ainda muito pequenas, crianças do primeiro e segundo ciclos¹⁶. Durante o período da Covid, explorámos com elas os terrenos da escola, o pátio... e deparámo-nos [a certa altura] com uma vedação. Na verdade, tinha havido [inicialmente] dois recintos escolares: uma antiga escola primária e uma antiga escola secundária. Dez anos antes tinham sido fundidas para formar uma escola comunitária¹⁷ – e os pátios das escolas também tinham sido fundidos, mas tinham-se esquecido de remover uma parte da vedação [entre os dois recintos]. Era uma separação muito sensível; havia um campo desportivo de um dos lados e, quando as crianças estavam a jogar futebol no campo desportivo e a bola voava por cima da vedação, tinham de correr à volta de todo o pátio da escola, ir lá fora... o intervalo acabava, basicamente, quando conseguiam voltar de novo ao campo desportivo. Então descobrimos que existia esta vedação. Ninguém sabia porque é que ela ainda lá estava. Por isso, retirámos a vedação, limpámos o caminho e organizámo-lo um pouco. E toda a escola ficou, basicamente, em choque. Toda a escola ficou em estado de choque, porque se perguntava “Porque é que aquela vedação estava ali?!” Todos se tinham habituado de tal forma à vedação. Ela estava lá tão naturalmente que já ninguém a questionava. Este foi, de facto, o melhor

¹⁴ *Safaris de pecados arquitetónicos*, traduzido do alemão *Bausünden-Safaris*, são passeios de bicicleta organizados por Turit Fröbe pelos *pecados arquitetónicos*.

¹⁵ *Projektwoche*, traduzido para o português como *semana de projetos*, é um evento letivo que acontece frequentemente nas escolas alemãs, em que, durante uma semana, as aulas normais ficam suspensas e os alunos escolhem um projeto, dentro das diversas possibilidades que a escola oferece. Trata-se de workshops de 5 dias, em que os alunos têm a possibilidade de fazer um projeto numa área que ainda não conhecem e/ou experimentar novas técnicas, como fazer um filme, construir um objeto ou cozinhar.

¹⁶ No original, *Grundschule*, que na Alemanha tem uma duração de 6 anos, do 1º ao 6º ano. Fala-se aqui de crianças entre os 10 e os 12 anos, aproximadamente.

¹⁷ Na Alemanha, *Gemeinschaftsschule* (escola comunitária) é um tipo de escola que junta diversos níveis, até ao 10º ano, na mesma turma.

exemplo. As pessoas esqueceram-se dela e depois ninguém mais pensou no assunto. É um exemplo, em pequena escala – e há centenas, milhares deles, se começarmos a procurar nas cidades... e é isso que estamos basicamente a fazer com [as intervenções d]a *StadtDenkerei*.

Estamos a falar de mudanças no quotidiano. considera que estas intervenções de uma semana, que a *StadtDenkerei* realiza, funcionam como uma espécie de evento – algo extraordinário – e que a existência de um evento extraordinário é necessária para que as pessoas mudem o seu quotidiano?

Não sei exatamente. As nossas estratégias também nem sempre funcionam. É sempre um pouco uma questão de sorte, porque só estamos lá durante uma semana e depois desaparecemos e já não estamos disponíveis. Tentamos, por princípio, criar – no tempo em que estamos presentes – um ambiente propício a que as pessoas se conheçam umas às outras, a que se liguem umas às outras, para que percebam que elas próprias são especialistas no seu ambiente, que as suas ideias e sugestões e os seus conhecimentos têm valor, que podem contribuir e elas próprias podem mudar alguma coisa unindo forças. Mas nós não podemos controlar [o que acontece]. Só podemos criar um terreno fértil para que algo deste género surja. Não temos qualquer controlo sobre isto. Por vezes funciona. Outras vezes não. Agora estou numa fase em que gostaria de trabalhar num [mesmo] local durante mais tempo e acompanhar uma região durante mais tempo. Sim, acredito que estes eventos intensivos podem efetivamente ajudar a provocar mudanças, a criar *experiências reveladoras*. No entanto, não me parece que fosse mau, no caso de alguma coisa se desenvolver [a partir destes eventos], continuar a acompanhá-la. (...)

Estamos neste momento a falar sobre o tema da educação geral para uma *cultura de construção*. Onde, como e o que aprender? Onde é que se aprende? E quais as diferenças entre aprender sobre o espaço urbano, estando presencialmente nesse espaço e aprender sobre o mesmo, estando-se num outro espaço, eventualmente num espaço fechado, como uma sala de aula?

O ideal seria [aprender-se] em espaço urbano, claro, mas muitos professores precisam de estar capacitados para o fazer. Por isso, estou a lutar para que a educação para a *cultura de construção* seja sistematicamente integrada no sistema escolar. Há imensos tópicos sobre *cultura de construção* no currículo, mas ensina-se muita coisa que já está muito desatualizada. Temos mesmo de reorganizar completamente toda a educação da *cultura de construção*. (...) Temos de definir tópicos que sejam contemporâneos. (...) Atualmente, a educação para a *cultura de construção* trabalha, principalmente, com especialistas externos que vão às escolas – e penso que isso não faz sentido. (...) É preciso mostrar aos professores que é fácil – foi o que os finlandeses fizeram –, que é fácil ensinar a *cultura de construção*; que se pode começar em qualquer lugar e que é divertido trabalhar com crianças no espaço, trabalhar no espaço público. (...) Todos nós, todas as pessoas, todas as crianças, todos os adultos já têm conhecimentos sobre arquitetura e sobre o ambiente construído – e não estamos realmente conscientes desses conhecimentos, mas podemos trabalhar incrivelmente bem com esses conhecimentos. (...) É tão fácil transformar as crianças em exploradores urbanos e deixá-las explorar e observar. Isso é muito importante e elas não o conseguem fazer sozinhas. Mas podem aprender muito facilmente. Mas também é preciso formar os professores para o fazerem, porque eles não têm pontos de referência. Têm de desenvolver primeiro uma consciência, um sentido para isto. Os professores precisam de ter também estas *experiências reveladoras*.

Educação para a *cultura de construção*: a quem se destina? Grande parte das publicações e eventos existentes para aprendizagem de *cultura de construção*, na Alemanha e na Suíça, são dirigidos a crianças e a jovens. E os adultos? Trabalhar junto deles não tem a mesma importância?

Muito importante! Claro que também se chega aos pais através das escolas. (...) Acho que é importante começar nas escolas, porque, a longo prazo, é a forma mais democrática de mudar a *cultura de construção* na consciência da sociedade. Mas eu começo, na verdade, muito mais pelos professores do que pelas crianças e jovens. Acho importante que professores, mediadores extra-escolares de arte e cultura e planeadores – que acompanham crianças e jovens, bem como decisores políticos e da administração pública – sejam formados e capacitados para trabalhar efetivamente com crianças e jovens. Por outras palavras, tem de se aprender a falar com as pessoas. Tem de se compreender o que faz o cidadão comum funcionar e o quanto ele ou ela percebem, daquilo que os rodeia. (...)

E os leigos? Pessoas, adultos, que não são arquitetos?

É o que fazemos com a *StadtDenkerei*. Com as nossas estratégias, chegamos de facto a leigos – e, na verdade, especialmente a pessoas que normalmente não se envolveriam em processos participativos. (...) Chegamos àqueles que realmente pensam que não têm nada a ver com isto; e que a *cultura de construção* nada tem a ver com as suas vidas. Isto é que é uma loucura (...). Os nossos projetos da *StadtDenkerei* são verdadeiros programas de ativação e conseguimos, também, envolver construtivamente os «desordeiros», aquelas pessoas que frequentemente perturbam este tipo de processos. Conseguimos envolvê-las de forma construtiva: recebem tarefas, recebem um lugar, deixamo-las trabalhar connosco, tiramos-lhes o fôlego e elas deixam de se queixar; também se tornam positivas, só com o nosso *olhar carinhoso*. E, sim, queremos chegar a estes leigos porque é muito importante para nós que eles percebam que são os verdadeiros especialistas do seu ambiente quotidiano. Os seus conhecimentos não são os dos urbanistas e dos arquitetos mas, através das nossas atividades no local, apercebem-se de que os seus conhecimentos têm valor. É este o objetivo e é por isso que o fazemos. (...) Há mais de 30 anos que tento falar de arquitetura às pessoas. Toda a gente diz que é “aborrecido”, mas, de repente, com as estratégias certas, é tão fácil fazer com que as pessoas olhem de outra forma para a arquitetura e que a verbalizem. Penso que falar de arquitetura é muito importante. Precisamos de falar muito mais sobre arquitetura. (...)

Relativamente aos exercícios ou à forma como trabalha com as pessoas nas atividades da StadtDenkerei, que papel tem o corpo e o seu movimento no espaço? Assumem algum destaque nessas atividades?

Não tão explicitamente. (...) O que me vem à cabeça agora é uma das minhas estratégias favoritas: a *arqueologia do quotidiano*. (...) Pedimos às pessoas que descrevam os percursos quotidianos que fazem todos os dias a pé. Percursos curtos. Fazemos entrevistas individuais, que duram cerca de uma hora, e durante essa hora pedimos-lhes que descrevam, de memória, tudo o que veem ao longo do caminho. (...) Simplesmente, descrevem tudo o que veem e nós perguntamos de forma muito detalhada. (...) Quando se vão embora, percorremos o caminho indicado, em pequenos grupos, com as nossas notas e documentamos tudo o que nos disseram e tudo o que *não* nos disseram. E, um dia depois, voltamos a encontrar-nos com as pessoas e percorremos novamente o percurso, [desta vez] no ecrã. Quando as pessoas regressam, todas dizem “Meu Deus, hoje reparei pela primeira vez nisto” ou “Hoje, fui diretamente ao local, e vi todas as coisas que me escaparam” ou “Hoje fiz um percurso diferente para o trabalho”. (...) Desde que comecei a fazê-lo, apercebi-me de como as perceções das pessoas são diferentes. Começámos isto na altura, em Paderborn¹⁸. Temos lá muitos destes percursos. Tínhamos lá um homem que conseguia descrever exatamente todas as montras das lojas. Sabia dizer o preço dos sapatos, o que estava nas placas dos médicos e dos notários, conseguia descrever os números de telefone das placas dos médicos e dos notários nas casas, mas nunca olhava para a arquitetura. Nunca. A certa altura, perguntei-lhe: “Desculpe, mas todas estas montras devem estar fixas algures”. Ele disse: “Sim, agora que fala nisso, sim, mas não faço ideia” (...) [E ele, por exemplo], nunca tinha visto a Câmara Municipal em si, mas era capaz de descrever em pormenor a maçaneta da porta, um objeto de ferro forjado. (...) Inacreditável. Quando se faz uma coisa destas, percebe-se que não existe uma imagem urbana, mas que há tantas imagens da cidade como pessoas. (...)

Já pensou em introduzir ferramentas digitais nessas experiências para trabalhar com crianças e jovens?

Eu, deliberadamente, não o faço, porque quero que as crianças e os jovens, em particular, olhem as coisas verdadeiramente. E eles olham demasiado para o telemóvel. Quero que eles aprendam outros métodos de documentação e, por isso, deliberadamente, não trabalho em formato digital. (...) É uma questão de gosto e, se calhar, sou completamente antiquada nesse aspeto. Eu quero que eles olhem, mesmo. (...)

Sim, para usar os sentidos...

Isso é muito importante, porque o sentido da visão é incrivelmente dominante. Li há pouco tempo que temos 3500 vezes mais nervos ópticos do que nervos auditivos. É por isso que temos de, conscientemente, controlar ou retrain os nervos óticos quando andamos pela cidade, para podermos

¹⁸ cidade alemã no estado da Renânia do Norte-Vesfália.

também ouvir, cheirar e tocar. É super importante para a educação da *cultura de construção* que se deixe os outros sentidos entrar em ação também. (...)

O que a motivou a fazer o que faz?

No geral, foram os *pecados arquitetônicos*. Os *pecados arquitetônicos* foram a primeira pedra: a experiência que mudou completamente a minha percepção e que me acabou por dar, sem que eu o quisesse, o tal *olhar carinhoso*, (...) esta boa disposição perante os *pecados arquitetônicos* que, de repente, deixei de achar feios. (...) Foi para isso que surgiu a *StadtDenkerei*, para poder melhorar as cidades. E cheguei à educação para a *cultura de construção*, ou seja, às estratégias que estou a utilizar agora, através do meu marido. Curiosamente, não através dos meus filhos. Quando tive filhos, perguntei-me naturalmente: “Como é que vou fazer? Como é que aproximamos os meus filhos da arquitetura?”, mas eles começaram muito mais cedo do que eu esperava. (...) Aos cinco ou seis anos, já estavam tão aptos, que conseguiam ler arquitetura. (...) Pensei “está bem, não é preciso ensinar-lhes isso, eles conseguem fazê-lo sozinhos”. Era essa a minha sensação. E, depois, houve um incidente drástico: (...) queríamos ir a Bernau, visitar a escola da Bauhaus, do Adolf Meyer. O meu marido tinha combinado encontrarmo-nos lá com um amigo arquiteto; (...) mas eu não podia ir (...) [e] ficou evidente que o meu marido teria de ir sozinho com as crianças. E eu disse-lhe, então: “certifique-se de que o nosso filho está envolvido quando estiverem a falar sobre [o edifício]” e ele disse: “Mas como raio é que eu vou fazer isso?” E eu disse: “É o que fazemos sempre; como fazemos sempre”. E ele (...) disse: “Não sei mesmo como fazer. Só conseguimos falar de arquitetura se estiveres presente”. E eu pensei: “Será que está doido?! Falamos sempre de arquitetura!”. (...) E ele insistiu: “Não, não conseguimos. Eu não sei como. Só podemos falar sobre isso se estiveres lá também, porque tu tens essa linguagem”. Depois, pesquisei se haveria algumas estratégias que se pudessem usar a nível linguístico. Não havia nada – era tudo horrível: tratava-se sempre de trabalhos manuais e da “casa de sonho” feita numa caixa de sapatos. Depois, abordei a Kirsten Winderlich, uma investigadora da infância aqui na Udk¹⁹, e perguntei-lhe se estaria interessada em fazer um projeto comigo para repensar completamente toda a questão da educação para a *cultura de construção* e abordá-la a um nível linguístico. Foi assim que surgiu o projeto – e por aqui fiquei. É engraçado, não é?

Considera que os princípios ou objetivos que guiaram a sua atividade continuam a ser importantes atualmente?

Acho que é muito importante, porque é a chave para mudar a *cultura de construção*. Tenho a sensação de que temos realmente uma *cultura de construção* incrivelmente sem amor; que tratamos o nosso ambiente construído de uma forma incrivelmente sem amor. E penso que a educação para a *cultura de construção* é uma chave crucial para um ambiente mais bonito. Como já disse, também penso que, com educação para a *cultura de construção*, podemos valorizar o nosso próprio ambiente. (...)

Tem oportunidade de experienciar novos lugares no seu dia-a-dia? E consegue, ou tem interesse em observar o espaço por si própria?

Descrever-me-ia como uma *Flaneurin*²⁰. Aproveito todas as oportunidades, também no meu ambiente próximo e quotidiano ... (...). Procuro regularmente cinco coisas em que ainda não tenha reparado. Já o faço há muitos anos e funciona sempre. Por isso, neste aspeto, faço-o sempre. Sou uma *Flaneurin* e mantenho um olhar curioso.

Como imagina que seria a prática da arquitetura e a atuação dos arquitetos numa sociedade em que a consciência sobre a *cultura de construção* fosse elevada?

Boa pergunta. Os arquitetos teriam de se reorganizar completamente. Teriam de aprender verdadeiramente a trabalhar com os cidadãos, a discutir, a falar. Todo este processo de comunicação teria de mudar. Porque uma sociedade assim não iria tolerar [intervenções arquitetónicas que não entendesse ou em que não tivesse sido incluída]. Iria ripostar [contra isto].

¹⁹ Udk = Universität der Künste. Universidade das Artes, em Berlim.

²⁰ *Flaneurin*, termo alemão para o feminino de *flâneur*; equivalente ao francês *flâneuse*.

Financiamento

O projeto “*in situ* and moving - collective space embodiment for spatial imagination, action and care” tem financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com a referência <https://doi.org/10.54499/2023.01425.BD>

Referências

Fröbe, T., & Winderlich, K. (Eds.) (2026). *SPIELRAUMSTADT. Baukulturelle Bildung für Kinder*. ATHENA-Verlag.

Fröbe, T. (2018). *Alles nur Fassade? Das Bestimmungsbuch für moderne Architektur*. DuMont.

Fröbe, T. (2020). *Die Kunst der Bausünde*. Quadriga Verlag, in der Bastei Lübbe AG.

Fröbe, T. (2022). *Architectural policy in Finland: Architecture as civic education*. jovis. <https://doi.org/10.1515/9783868599381>

Como citar esta entrevista:

Setúbal, M., Fröbe, T. (2026). Cultura de Construção, Experiências Reveladoras e um Olhar Carinhoso. Entrevista a Turit Fröbe. *CIDADES, Comunidades e Territórios*, 51, e20260743374. <https://doi.org/10.15847/cct.43374>

Marta Setúbal, DINÂMIA'CET-Iscte, Instituto Universitário de Lisboa.

E-mail: [marta_setubal \[at\] iscte-iul.pt](mailto:marta_setubal@iscte-iul.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4208-4926>

Contribuições para a entrevista: concetualização, curadoria dos dados, investigação, metodologia, validação, redação do original, revisão e edição.

Turit Fröbe, DIE STADTDENKEREI.

E-mail: [froebe \[at\] die-stadt-denkeri.de](mailto:froebe@die-stadt-denkeri.de)

Contribuições para a entrevista: entrevistada.